

# Benedict Anderson: um inquieto observador de estrelas

“Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo” foi publicado pela primeira vez em 1983 e traduzido em seguida para 21 idiomas. O sucesso do livro decorreu do fato de quebrar a rotina que marcava os estudos sobre o nacionalismo.<sup>1</sup>

Benedict Anderson abandonou interpretações clássicas e fervores respeitosos ao abordar a nação. O autor dispensou tratamento especial às antigas religiões e dinastias, às mudanças na concepção de tempo, ao papel da imprensa no desenvolvimento da cultura nacional (capitalismo editorial), à emergência e consolidação de sentimentos e idiomas nacionais. Original e atrevida foi também sua tese de que as bases do modelo de nação moderna vieram das Américas, não da Europa. A expressão comunidade imaginada, mesmo que nem sempre bem compreendida, passou a ser de uso corrente na maioria das análises sobre a formação das nacionalidades.

Destaque-se ainda o fato de Anderson aludir com frequência ao Sudeste asiático, região com a qual mantém profundas relações afetivas e profissionais. Além de centenas de artigos acadêmicos, ele publicou diversos livros sobre os nacionalismos na Ásia, sendo homenageado pela Associação de Estudos Asiáticos (1998) e recebendo o Prêmio Fukuoka de Cultura Asiática (2000).<sup>2</sup>

O Observatório das Nacionalidades tinha boas razões para alimentar a curiosidade acerca deste autor. Baseado em universidades cearenses, esse grupo de pesquisa desenvolve há três anos debates teóricos e pesquisas sobre o nacionalismo.

## BENEDICT ANDERSON DEPOIMENTO

Foi, portanto, com muita satisfação que recebeu Benedict Anderson para uma semana de trabalho com seus integrantes durante a reunião da SBPC na cidade de Fortaleza, em julho de 2005.

Depois de 36 horas de vôo, Anderson desembarcou surpreendendo com seu bom humor e sua disposição para perguntar sobre tudo e sobre todos. O jeito simples e afável deste irlandês de quase 70 anos permaneceu inalterado durante sua permanência conosco. De nossas longas e animadas conversas, anotamos algumas passagens que julgo relevantes para compreender sua trajetória de vida, suas idéias e projetos, enfim, sua personalidade marcante. Antes de mais nada, esse intelectual se considera um homem sortudo. Sorte tivemos nós, do Observatório das Nacionalidades, de tê-lo como parceiro em nossas atividades.

Eis Benedict Anderson, por ele mesmo:

*Nasci em 1936, na província de Kunming, China, de mãe inglesa e pai irlandês. Tive a sorte de possuir dupla nacionalidade. Os meus pais vinham de longa linhagem de ativistas anticoloniais. Como minha família mudou várias vezes, tive a sorte de viver parte de minha infância na Irlanda, parte na Inglaterra, parte nos EUA. Venho de um país pequeno, a Irlanda, que enfrentou muitas dificuldades e se sobressaiu por ter famosos escritores da língua inglesa, como James Joyce, ganhador de 4 prêmios Nobel. Tive a sorte de pertencer a, talvez, uma das últimas gerações que recebeu uma educação considerada de "inutilidades". Aprendi culturas antigas, línguas, arqueologia. Hoje, não se ensina mais isso, o que é uma pena, pois, para mim, foi muito útil.*

*Tive a sorte de ser politizado cedo. Com cerca de 20 anos, comecei a pensar em mim mesmo conscientemente, como um esquerdista e um marxista confuso. Meu irmão, o historiador Perry Anderson, também se considera um marxista, porém, não confuso.*

*Terminada a faculdade, não sabia o que fazer, não tinha objetivo. Minha mãe dizia que eu não podia ficar sentado em casa o dia inteiro, devia arranjar um emprego. Então, resolvi ir para os Estados Unidos estudar a Indonésia, motivado pelo fato de o país, em 1958, estar numa guerra civil, na qual a CIA estava envolvida.*

*Estudar o Oriente distante, a partir dos EUA, foi uma experiência importante porque, se você observa essa região desde a Europa, seja Lisboa, Londres, Paris ou Amsterdã, acaba examinando apenas as antigas colônias, não tem uma perspectiva da região como um todo. O Japão, que dominou alguns países asiáticos, e os EUA, após a Segunda Guerra Mundial, têm uma perspectiva regional por motivos imperialistas, na maior parte das vezes.*

*Nos Estados Unidos, durante as décadas de 1950/60, não havia cursos sobre países específicos, você analisava os temas em geral, regimes militares, problemas agrícolas... Era treinado para pesquisar comparativamente, pois o próprio EUA, na época uma nova potência, ainda tinha pouco conhecimento consolidado, estava buscando aprofundar e, então, via a região como um todo.*

*Haviam bons antropólogos nos EUA estudando a Ásia. Em sua maioria, meus professores foram antropólogos e não cientistas políticos. Sempre achei esta região muito interessante e a comparava com a América Latina. Na Ásia, várias línguas e religiões convivem lado a lado, diferentes poderes imperiais agem simultaneamente; bastava sair de um país para outro, tudo mudava, o que era diferente da América Latina.*

*A última sorte que tive foi quando decidi ir para a Indonésia, em 1961. Ao voltar, em meados da década de 1960, época da guerra do Vietnã, tornei-me um ativista político-acadêmico em Washington e Nova Iorque. Percebi que era possível, ao mesmo tempo, ser intelectual e ativista. Apesar de a guerra ter sido algo terrível, de maneira geral, aquele foi um bom período para ser estudante. Em 1964, quando retornei da In-*

*donésia, houve o golpe do general Suharto. Cerca de 1 milhão de esquerdistas foram presos, torturados, mortos, inclusive alguns amigos.*

*Eu era fluente na língua local e adorava o país. Escrevi artigos contra o governo e fui banido da Indonésia de 1972 a 1999. Nessa época, a Indonésia invadiu o Timor-Leste e cheguei a depor no Congresso norte-americano contra essa intervenção. Foi mais uma razão para Suharto me odiar. Apesar de tudo, de certa forma, sou agradecido, porque ele me forçou a estudar outro país. A Tailândia é diferente em vários aspectos: uma monarquia e não uma república, um país budista e não islâmico.*

*Por volta de 1977, escrevi meus primeiros artigos sobre a Tailândia e comecei a refletir sobre as nacionalidades, pois já tivera oportunidade de experimentar duas bastante distintas. No livro "Immagined Communities", há três elementos distintos de outros autores que estudam o tema, como Eric Hobsbawn, Ernest Gellner, Anthony Smith. O primeiro é que meu livro fala de literatura. Muitos cientistas políticos estranharam, pois se você escreve sobre política e olha para literatura, isso não parece científico. A segunda diferença é que venho da Irlanda e incluí no livro muito material sobre nações pequenas, dando talvez até mais ênfase a estas do que aos grandes países. Colegas da Rússia, dos EUA, da China, reclamavam porque não falei deles, que se julgavam mais importantes do que os outros. Ainda assim, acho que foi correto introduzir material dos países pequenos, inclusive bem mais da América Latina do que dos EUA.*

*Aí entra o terceiro elemento: eu estava decidido a pensar o nacionalismo, de certa forma, contra o eurocentrismo. Então, um dos primeiros capítulos do livro é sobre as Américas, mas com maior atenção à América do Sul. Escrevi esse livro aos 45 anos, uma idade quase perfeita porque você tem certa vivência acumulada, não está com medo da crítica de seus colegas mais experientes, ainda possui bastante energia, sua*

*mente está funcionando muito bem. Quando se vai envelhecendo, às vezes, sua mente está boa, mas você começa a perceber os erros que fez e já não possui tanta energia.*

*No final dos anos 1980, percebi alguns erros e o resultado foi uma edição revisada do livro com dois novos capítulos. Com a mudança causada pela Revolução Industrial, pelos relógios, passou a existir um certo conceito de tempo coordenado no mundo inteiro. Antes ninguém tinha atentado para essa questão ao trabalhar o nacionalismo, mas meu erro foi não pensar o mesmo com relação ao espaço, aos mapas, às fronteiras etc. O segundo erro foi citar inadequadamente um escritor, que dizia que as nações, para existirem, precisam lembrar algumas coisas e esquecer outras. Concentrei-me nas lembranças, mas seria bastante interessante perceber o porquê de algumas delas precisarem ser esquecidas nessa construção nacional.*

*Na época em que o mundo estava mudando, com o fim da União Soviética, do comunismo, a formação de novos países, etc, surgiu meu livro "The spectre of comparisons". Ainda não tinha parado para pensar sobre a questão da imagem dos nacionalismos. Isso é realmente importante. A primeira imagem que se tem do nacionalismo são as bandeiras. Nelas, você tem um modelo sempre repetido. Alguém pergunta: você já viu a bandeira original, a primeira bandeira do seu país? As pessoas não sabem se existe ou onde estaria; na verdade, não faz diferença, pois as bandeiras são reproduzidas e não importa a que você está pegando. O que é bastante diferente se você compara com a religião: só existe um Jesus Cristo e é aquele Jesus Cristo. Por mais que se façam cópias, você quer ir ver a relíquia. Na Basílica de São Pedro, você quer conhecer o túmulo daquele santo específico.*

*Eu não saberia dizer quantas bandeiras do Brasil existem no mundo, mas devem ser centenas de milhões e tanto faz qual você tenha, ela possui o mesmo efeito simbólico que qualquer outra. Todas são cópias e não existe a bandeira que seria o ponto de referência. Isso lembra os cemitérios militares, organizados em fileiras, exatamente iguais. A idéia é que uma pessoa que se sacrifique pela pátria é tão boa quanto qualquer outra; não existe herói original, todos são heróis.*

*Outro ponto são as migrações e sua influência no nacionalismo, na formação nacional. Recebi muitas reclamações*

*por não abordar o tema das minorias e maiorias. Sempre falava da nacionalidade no geral. Uma questão que pouco refleti a respeito, mas, quando ouvi, achei bastante interessante: por que minha nação é boa? Os países mudam, os governos mudam, as coisas mudam no país, vêm uma ditadura sanguinária, um governo corrupto e, mesmo assim, você não fica especulando por que meu país é bom. Para você, tanto faz. Resolvi me questionar, até de maneira filosófica e, em parte, por diversão.*

*Isso nos traz ao presente, à relação entre as mulheres e a nação. Nos Estados Unidos, os estudos feministas acarretaram grandes mudanças na intelectualidade. É interessante que muitos homens tinham um certo receio de pensar a este respeito: temiam serem criticados por estudarem o feminismo e, então, muitas vezes o ignoravam.*

*Meu livro "Under three flags: anarchism and the anti-colonial imagination",<sup>3</sup> que deve ser lançado em breve, trata do final do século XIX, quando a globalização começou. Teodoro Roosevelt, presidente dos EUA à época, mandou um telegrama que deu a volta ao mundo e retornou para ele em cerca de 9 minutos. Pela primeira vez você tinha um sistema de telecomunicações que não dependia da velocidade humana. Hoje, o sistema de computadores torna tudo mais rápido, mas ali foi o ponto de virada.*

*Falo também da África do Sul e da revolta dos boers, de uma certa vanguarda intelectual localizada em Paris, de Cuba, das Filipinas e do anarquismo. Depois da morte de Karl Marx até o aparecimento de Lênin, o anarquismo foi a mais forte ação política de esquerda. Os anarquistas cometeram assassinatos políticos famosos, como o do rei da Itália e o do primeiro ministro da Espanha. Estes eram, de certa forma, atos heróicos, porque eles não tentavam escapar. Vários foram presos e sabiam de sua condenação à morte. O movimento anarquista, do qual participavam muitos italianos, teve grande influência sobre a conformação dos nacionalismos na época e por isso estou estudando o tema.*

*Vejo o novo livro como uma correção de "Imagined Communities". Imagine que você está na praia à noite e, olhando para o céu, vê aquele monte de estrelas ali paradas. Você pensa que amanhã elas vão estar do mesmo jeito que ontem e daqui a dez anos continuarão como hoje. Muitas vezes se pensava as nações assim, como identidades fixas, só que isso é*

uma ilusão tanto para as nações como para as estrelas, que estão em relação umas com as outras, têm campos gravitacionais que você não vê, mas que agora se sabe que existem. O estudo comparativo dos nacionalismos, tal como era feito, de certo modo, se assemelha à astronomia antiga, em que você não consegue perceber o movimento dos astros.

Entendo a globalização como essa espécie de campo gravitacional e tento ver as nações em movimento, atravessando suas próprias fronteiras nacionais e com campos de força, por exemplo, as forças políticas e econômicas. O islamismo atravessa várias nações, é globalizado e não centralizado em uma só fronteira. Existem também os movimentos anti-globalização, feministas, de defesa das minorias sexuais, camponeses, indígenas. Olhando para eles você pode ver a energia, o movimento que em um mero estudo comparativo entre países não conseguiria perceber. "Under three flags" não é uma simples correção, mas, talvez, uma certa mudança no paradigma de como se estuda o nacionalismo.<sup>4</sup>

**Mônica Dias Martins**<sup>5</sup>

## NOTAS

---

<sup>1</sup> ANDERSON, B. *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism*. Londres: Verso, 1983. Teve edição revista e ampliada em 1991, foi traduzido para os seguintes idiomas: alemão, árabe, búlgaro, chinês, coreano, dinamarquês, francês, grego, hebreu, indonésio, italiano, japonês, norueguês, polonês, português, romeno, russo, servo-croata, espanhol, sueco e turco. No Brasil, recebeu o título *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. A mais recente edição publicada em Portugal é *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

---

<sup>2</sup> ANDERSON, B. *Java in a time of revolution*. Itahaca: Cornell University, 1972. \_\_\_\_\_. *In the mirror: literature and politics in Siam in the American Era*. Bangkok, Tailândia: Duang Kamol, 1985. \_\_\_\_\_. *Language and power exploring political cultures in Indonesia*. Itahaca: Cornell University, 1991. \_\_\_\_\_. *The spectre of comparisons: nationalism, Southeast Asia and the world*. Londres: Verso, 1998.

---

<sup>3</sup> Cf. ANDERSON, B. *Under three flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. Londres: Verso, 2005.

---

<sup>4</sup> Cf. ANDERSON, B. Depoimento. In: ENCONTRO TENSÕES MUNDIAIS, 3., 2005, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Observatório das Nacionalidades, 2005. Depoimento gravado e *curriculum vitae* enviado por Benedict Anderson para a Comissão Organizadora do evento.

---

<sup>5</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE).